

Isabel Capelo Gil

MITOGRAFIAS

FIGURAÇÕES DE ANTÍGONA, CASSANDRA E MEDEIA
NO DRAMA DE EXPRESSÃO ALEMÃ DO SÉCULO XX

I



IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

NOTA DE AGRADECIMENTO

O texto aqui fixado constitui uma versão encurtada da tese de doutoramento em Língua e Cultura Alemãs, apresentada à Universidade Católica Portuguesa em Janeiro de 2002. O processo de descoberta que chegou ao fim com este trabalho não teria sido possível sem a colaboração de mestres, amigos e instituições, a quem gratamente agradeço o saber partilhado, o incentivo moral e os apoios financeiros que permitiram o desenrolar da pesquisa. Devo em primeiro lugar dirigir-me ao Professor Doutor Gerhard Neumann, da Ludwig Maximilian Universität em Munique, a quem agradeço não só ter sido meu orientador neste percurso, mas também a amizade, o enorme saber e o empenhamento inquestionável no acompanhamento desta investigação que muito lhe deve. À Professora Doutora Teresa Seruya, co-orientadora da dissertação, devo o agradecimento pelo acompanhamento constante e nunca negado, pelo incentivo, pelo saber inspirador e pela amizade com que se dignou honrar-me. Porque entendo que o saber é um processo em constante revisão, em muito dependendo da disponibilidade para um diálogo insistentemente crítico, gostaria de deixar um agradecimento muito especial ao Professor Doutor António Sousa Ribeiro, que oportunamente arguiu este trabalho em sede académica e que com os seus comentários em muito enriqueceu a versão agora dada a prelo. Ao meu amigo e colega Prof. Doutor Manuel Cândido Pimentel e à Imprensa Nacional-Casa da Moeda agradeço ainda o apoio determinante para a publicação desta obra.

A pesquisa do *corpus* seria impossível sem a colaboração de diversas entidades. Agradeço o apoio financeiro para deslocações

a bibliotecas na Alemanha, na Áustria e nos Estados Unidos à Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, ao DAAD (Deutscher Akademischer Austauschdienst), que subsidiou a minha estada na Universidade de Munique, à Fundação Calouste Gulbenkian, à Fundação para a Ciência e Tecnologia e à Fundação Luso-Americana, que permitiu a estada na Universidade de Chicago para pesquisa sobre a crítica feminista. Agradeço ainda o apoio prestado pelas seguintes bibliotecas: Deutsches Literaturarchiv, em Marbach am Neckar, Bayerische Staatsbibliothek, em Munique, Österreichische Nationalbibliothek, em Viena, Deutsche Bibliothek, em Frankfurt am Main, e Bibliothek des Deutschen Theatermuseums, em Munique.

Dedico este trabalho à minha família, à Beatriz e à Madalena, a quem foram roubadas muitas horas de atenção e convívio, ao João pelo apoio constante, à minha mãe pela disponibilidade infinita e ao meu pai, que não pôde ver o final deste percurso.

I

INTRODUÇÃO

[...] cheia de medo é a mulher, e vil perante a força e à vista do ferro. Mas quando no leito a ofensa sentir, não há aí outro espírito que penda mais para o sangue.

EURÍPIDES, *Medea*.

O feminino é, todavia, o único receptáculo, que aos mais novos nos resta para verter a nossa identidade. Com os homens não há nada a fazer.

JOHANN WOLFGANG VON GOETHE,
Das Mädchen von Oberkirch.

A mitologia, os alemães e a floresta são algo que deve estar sempre junto.

HELMUT KOHL, *Süddeutsche Zeitung*,
14 de Novembro de 1983.

Num dos capítulos de uma obra fundadora da estética da modernidade, *O Pintor da Vida Moderna* (1863), Charles Baudelaire apresenta, de modo sintomático, a mulher como figura iconográfica de uma época que se manifesta pela efemeridade e pela contingência:

O ser que é, para a maior parte dos homens, a fonte das mais vivas [...] voluptuosidades filosóficas, dos mais duradouros prazeres; o ser para quem ou em proveito de quem se dirigem todos os seus esforços; esse ser terrível e incomunicável como Deus (com a diferença de que o infinito não se comunica porque cegaria e esmagaria o finito, enquanto o ser de que falamos é talvez apenas incompreensível porque não tem nada para comunicar), esse ser em quem Joseph de Maistre via *um belo animal*, cujas graças alegravam e tornavam mais fácil o jogo sério da política; para quem e por quem se fazem e desfazem fortunas; para quem, mas sobretudo *por quem*, os artistas e os poetas compõem as suas mais delicadas jóias; de quem advêm os prazeres mais enervantes e as dores mais fecundas, a mulher, numa palavra, não é apenas [...] a fêmea do homem. É antes uma divindade, um astro que preside a todas as concepções do cérebro macho; é um reflexo de todas as graças da natureza condensadas num só ser; é o objecto da admiração e da curiosidade mais viva que o quadro da vida

ÍNDICE GERAL

| | |
|--|-----|
| Nota de agradecimento | 9 |
| I — Introdução | 11 |
| II — Antígona ou da submissão como estratégia | 45 |
| 1. O mito de Antígona | 47 |
| 2. Morrer a vida e viver a morte: sacrifício e ritual no mito de Antígona | 70 |
| 3. Sepultar — Sacrificar — Morrer: as fronteiras do feminino | 92 |
| 4. Ritualizar e politizar o drama: figurações do mito de Antígona no drama de expressão alemã do século xx | 134 |
| Prólogo ou Antígona <i>Unter den Linden</i> | 134 |
| 4.1. <i>Antigona</i> de Friedrich Hölderlin | 146 |
| 4.2. <i>Antigona-Choephora</i> : a figuração estético-religiosa do mito de Antígona | 156 |
| 4.3. <i>Antigona-Maenada</i> : a figuração político-religiosa do mito antigónico | 186 |
| 4.4. <i>Antigona-Sublecta</i> : a figuração do feminino entre o súbdito e o sujeito em <i>Antigone</i> de Bertolt Brecht | 229 |
| 4.5. <i>Antigona-Sublecta</i> : percursos do <i>subiectum</i> entre o dito e o interdito | 257 |
| III — Cassandra: a afirmação arqueológica da <i>vox feminae</i> | 291 |
| 1. O mito de Cassandra | 293 |
| 2. O olhar e a palavra /a visão e a profecia. Metamorfose dos sentidos e diferença sexual | 313 |
| 2.1. Identidade e diferença sexual | 316 |
| 2.2. Percepção, identidade e verdade | 337 |

| | |
|---|-----|
| 3. Entre o ver e o dizer: figurações de Cassandra no drama de expressão alemã do século xx. Prólogo ou o problema da afirmação em «Selbstversuch» de Christa Wolf | 346 |
| 3.1. «Kassandra» de Friedrich Schiller | 361 |
| 3.2. (Im)Possibilidades do olhar: <i>Cassandra-Medusa</i> entre a crítica cultural e o pessimismo antropológico | 376 |
| 3.3. (Im)Possibilidades do olhar: <i>Cassandra-Narcisa</i> e a comunidade imaginária | 433 |
| 3.4. O desvelar do <i>ainigma</i> : <i>Cassandra-Propheta</i> | 490 |
| 3.5. A(s) voz(es) de Cassandra: <i>Cassandra-Propheta</i> e <i>Die Troerinnen</i> de Franz Werfel | 526 |

ÍNDICE GERAL

| | |
|---|-----|
| IV — Medeia: ambivalência e exclusão ou do feminino nómada | 7 |
| 1. O mito de Medeia | 9 |
| 2. Encontro/confronto: Medeia e o(s) outro(s) | 27 |
| 3. Desmembrar o corpo — sedimentar a memória: morte e renovação no mito de Medeia | 52 |
| 4. Figurações de um sujeito nómada: Medeia no drama de expressão alemã do século xx | 72 |
| <i>Prolegomena</i> . Ler Medeia com Christa Wolf | 72 |
| 4.1. Franz Grillparzer, <i>Das goldene Vließ</i> | 98 |
| 4.2. O corpo primordial de Medeia: <i>Medea-Monstruosa</i> | 126 |
| 4.3. A crise do sentido em <i>Medea</i> de Hans Henny Jahnn: <i>Medea-Monstruosa</i> | 177 |
| 4.4. O corpo politizado: <i>Medea-Postbellica</i> | 211 |
| 4.5. O corpo simulado: <i>Medea-Defigurata</i> | 249 |
| V — Nota conclusiva ou reflexão para uma poetologia da protagonista mítica | 277 |
| VI — Lista de siglas utilizadas | 287 |
| VII — Glossário de textos dramáticos sobre Antígona, Cassandra e Medeia na literatura de expressão alemã do século xx | 293 |
| VIII — Bibliografia | 319 |
| IX — Índice onomástico | 415 |